RECURSOS EXPRESSIVOS EM ARTETERAPIA COM ÊNFASE NA MÚSICA: Contribuição terapêutica para a superação das dificuldades de aprendizagem.

Marcia Corralero Rosa Rodrigues*

Orientadora: Profª Ana Cecília Onãtivia**

Resumo

Novos pressupostos epistemológicos na área da Educação vêm comprovando os aspectos subjetivos imbricados na relação ensinar/aprender. Tal postura psicopedagógica, levando em consideração a subjetividade do aprendente, busca superar os problemas de aprendizagem, auxiliando-o em seu processo de autoconhecimento e de construção de si mesmo e do conhecimento. Tais pressupostos, embasados em relevante produção científica em neurociência, vem trazendo maior compreensão quanto à forma como o sistema nervoso se estrutura, bem como seu funcionamento em pessoas com desenvolvimento global típico e atípico. O presente artigo busca correlacionar o "fazer artístico" em Arteterapia como uma ferramenta adicional na superação das dificuldades de aprendizagem, posto que tal proposta permite ao indivíduo um encontro entre consciente e inconsciente, onde lembranças, símbolos, ideias e emoções se manifestam ofertando rica oportunidade de compreensão, integração ou ressignificação. Em tal processo de construção pode a música favorecer a mobilização de emoções de modo a ampliar as possibilidades de ação em arteterapia e, por conseguinte, no processo de aprendizagem. Por meio da música como elemento mobilizador no fazer artístico

* Marcia Corralero Rosa Rodrigues. Professora, artesã, atua no Centro Psicopedagógico. marciacorralero@gmail.com

** Artigo apresentado à Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Arteterapia Escolar, sob orientação da professora Ana Cecilia Oñativia, Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP.
São Paulo, 2017.

poderá o sujeito percorrer caminhos que o levem a um criativo processo de individuação e estes a caminhos profícuos no processo de aprendizagem. O presente artigo se deve às experiências por mim vividas com canto-coral e instrumentos musicais. Tais experiências, sempre prazerosas, levaram-me a produzir o presente artigo com base em revisão bibliográfica através de artigos científicos, livros publicados, teses de doutorado, mestrado, internet, etc. Uma leitura crítica junto à bibliografia pertinente possibilitou confrontar os achados com a prática em consultório.

Palavras chave: música, arteterapia, dificuldades de aprendizagem, Psicologia Junguiana.

Abstract

New epistemological assumptions in the area of Education have proven the subjective aspects imbricated in the relationship teach / learn. Such a psychopedagogical posture, taking into account the subjectivity of the learner, seeks to overcome the problems of learning, assisting him in his process of self-knowledge and self-construction and knowledge. Such assumptions, grounded in relevant scientific production in neuroscience, have brought greater understanding of how the nervous system is structured, as well as its functioning in people with typical and atypical global development. The present article seeks to correlate the "artistic work" in Art Therapy as an additional tool in overcoming learning difficulties, since this proposal allows the individual a meeting between conscious and unconscious, where memories, symbols, ideas and emotions are manifested by offering a rich opportunity Understanding, integration or resignification. In such a process of construction music can favor the mobilization of emotions in order to expand the possibilities of action in art therapy and, therefore, in the learning process. Through music as a mobilizing element in artistic making, the subject can follow paths that lead him to a creative process of individuation and these to fruitful paths in the learning process. This article is due to my experiences with choral singing and musical instruments. These experiences, always pleasant, led me to produce this article based on a bibliographical review through scientific articles, published books, doctoral

dissertations, masters, internet, etc. A critical reading with the pertinent bibliography made it possible to confront the findings with practice in the office.

Keywords: music, art therapy, learning difficulties, Jungian Psychology

Introdução

A pós-modernidade e seu imediatismo, a ampliação na produção de conhecimento como nunca antes imaginado, as novas tecnologias bem como sua disponibilidade a uma parcela significativa da população, o acesso à informação ao toque de um click, as demandas de uma sociedade mais exigente e consumista, as mudanças de paradigmas, o conceito de uma nova ordem mundial que vem se tornando mais presente na contemporaneidade são variáveis que atingem o indivíduo levando-o, por vezes, a perplexidade quanto ao modo frenético como tudo vem ocorrendo. As demandas crescentes em uma sociedade cada vez mais exigente obrigam o indivíduo a uma mobilização, engajamento e ativismo que o colocam em permanente estado de alerta. A prontidão para as respostas do mundo moderno levam-no a um frenético movimento de competitividade, de produção e conquistas cada vez mais imperiosas.

> O indivíduo não é apenas um ser singular e separado, mas também um ser social, a psique humana também não é algo isolado e totalmente individual, mas também um fenômeno coletivo. E assim como certas funções sociais ou instintos se opõem aos interesses dos indivíduos particulares, do mesmo modo a psique humana é dotada de certas funções ou tendências que, devido à sua natureza coletiva, se opõem às necessidades individuais. (Jung 2015, p.35)

[AeF1] Comentário: As citações devem ir com espaçamento simples e em fonte menor.

[AeF2] Comentário: Colocar a pág.

Jung (2015, p.15) relata sobre os aspectos da psique consciente e pessoal que repousam sobre uma disposição psíquica herdada e universal, de natureza inconsciente, onde a psique pessoal com a psique coletiva correspondente se manifesta na relação do indivíduo com a sociedade.

Grandes avanços tem o homem conquistado, porém não sem um alto preço. Fala-se hoje no mal do século como sendo a ansiedade, a depressão e as doenças psicossomáticas e estas como decorrentes de um estado adoecido do ser

que deixou de olhar para si mesmo e para sua subjetividade, pois o “frenesi” da vida moderna o obriga a uma prontidão onde não cabe o cultivo harmonioso com o “Si Mesmo”. Jung relata ainda sobre a persona, “figura de compromisso que representamos diante da coletividade” em relação ao Si-Mesmo. Diante da extinção deste ocorre a desintegração da personalidade, contribuindo para uma cisão da mente. Nise da Silveira, psiquiatra, relata em seu livro “Imagens do inconsciente, o seguinte quadro tomando como referência uma obra de Jung publicada em 1907, como ela mesma relata:

> Quanto mais examinamos os sintomas mais se torna patente que foi a partir de um forte afeto que os distúrbios iniciais se desenvolveram... Intensas, avassaladoras cargas afetivas seriam os fatores causais. O afeto nem sempre transparece no exterior sob forma dramática, mas de preferência segue interiormente curso invisível ao observador. No seu caminho oculto vai abrindo fendas, vai tomando posse do consciente, desestruturando a personalidade... Seja devido a pressões externas ou internas, ou a ambas simultaneamente, o afogamento do consciente pela irrupção do inconsciente resulta no colapso do ego. (Silveira,2015, p. 102, 103)

[AeF3] Comentário: Colocar pg.

Um olhar diferenciado, atento e cuidadoso para com o homem em sua saúde integral se faz necessário nos tempos da pós-modernidade. A busca pelo autoconhecimento e individuação é crucial quando se pretende alcançar um estado de bem estar físico, mental, psíquico, social e espiritual.

Em seus estudos Jung relata sobre a importância do universo simbólico em suas diversas manifestações, quer por meio de material onírico, imagens mentais na meditação ou mesmo através dos eventos sincronísticos (Philippini, 2013, p. 15).

O inconsciente possui, além dos conteúdos reprimidos, todo o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência. (Jung, 2015, p.134). Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos símbolos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente.

> A trajetória da individuação é registrada através de símbolos diversos que, ao longo dos ciclos vitais, manifestam-se em múltiplas possibilidades expressivas. (Philippini, 2013, p.16).

[AeF4] Comentário: Formatar citação

[AeF5] Comentário: Pg.

Em sua obra “O homem e seus símbolos” (2008, p.22,25), Jung afirma que acontecimentos na vida do homem podem ser absorvidos de forma não

consciente, entretanto, devido sua forte carga emocional e psíquica, poderão retornar do inconsciente sob forma de sonho. Relata que os sonhos não são produto do acaso, mas estão associados a pensamentos e problemas conscientes. A psique busca interpretar a realidade a partir de uma noção geral. Entretanto, tal noção geral é apreendida de forma individualizada por parte do sujeito que a busca compreender. Jung afirma que:

> Todo conceito de nossa consciência tem associações psíquicas próprias... e que por isso objetos ou ideias comuns podem adquirir uma significação psíquica poderosa. (Jung, 2008, p.47,48)

Tal afirmação se vê constatada em quadros psiquiátricos onde a esquizofrenia se apresenta como exemplo típico de um ego fragmentado, onde a cisão ego/self se manifesta nas representações sombrias do ser. Nise da Silveira (2015), em seu livro Imagens do Inconsciente, relata sua experiência na área de psiquiatria onde propôs um trabalho terapêutico através da expressão plástica com base no referencial teórico proposto por Jung, provocando verdadeira revolução na prática psiquiátrica de então. A princípio, sua proposta terapêutica sofreu críticas contumazes de seus pares, porém os excelentes resultados obtidos comprovaram a relevância do fazer artístico no processo de superação, autoconhecimento e individuação de seus pacientes.

Estudos realizados por Freud e Jung evidenciaram que pensamentos e sentimentos manifestam-se através de linguagem simbólica onde a palavra nem sempre é capaz de abarcar toda a complexidade imagética ali encerrada.

Em face de tais considerações e à luz da psicologia junguiana, depreende-se que um processo de aprendizagem saudável deve considerar o sujeito em sua totalidade, onde cognição, corpo e emoção estejam harmonicamente integrados proporcionando ao aprendente uma experiência prazerosa.

Um olhar em perspectiva para a Arteterapia

Muito se tem avançado nessa compreensão de totalidade do ser que interage e produz conhecimento. Por vezes, deparamo-nos com dificuldades de aprendizagem entre sujeitos que vivem experiências de aprender aquém de seu

potencial. Quando corpo, cognição e emoção irrompem em desequilíbrio a arteterapia surge como um processo terapêutico auxiliando o indivíduo em seu processo de autoconhecimento e individuação. Utilizando diferentes modalidades expressivas no “fazer artístico”, se possibilita ao sujeito um contato efetivo com seu universo simbólico de modo a compreendê-lo, integrando-o ou ressignificando-o.

A Associação Americana de Arteterapia – 2003 oferece uma compreensão mais aclarada sobre a Arteterapia:

[AeF6] Comentário: Formatar citação

> A Arteterapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na atividade artística e terapêutica é enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Arteterapia é o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experienciam doenças, traumas, ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal. Por meio do criar em arte e refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar melhor com sintomas, stress, experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico (Philippini, 2013, p. 11)

A arteterapia é uma resposta coadjuvante eficaz na superação de crises, porém mais do que uma intervenção para os momentos de crise é também um aporte terapêutico significativo para a manutenção da saúde psíquica. Estudos vêm demonstrando que a produção artística quando materializada e confrontada em sua singularidade despontencializa a energia psíquica acumulada possibilitando uma compreensão dos significados da produção simbólica. Em um processo de amplificação simbólica outras atividades plásticas expressivas são oferecidas ao paciente de modo a ofertar-lhe um gradual desvelamento de seus conteúdos psíquicos inconscientes com vistas a uma nova compreensão que traga harmonia com o Si-Mesmo, com a integração do Self.

Música e saúde psíquica. Qual a relação?

Na busca desse processo de individuação do ser com vistas à manutenção de uma aprendizagem saudável, lança-se mão de inúmeras ferramentas arteterapêuticas.

O presente estudo se propõe a refletir sobre a relevância da música no setting terapêutico como um suporte para fazer emergir conteúdos inconscientes,

carregados de energia psíquica, onde, à luz da consciência, poderão ser revisitados, integrados ou ressignificados. Coloca-se como questão o uso da música como recurso expressivo, seja através da audição, execução ou improvisação, mobilizando recursos internos para a produção de expressão plástica com vistas à superação de dificuldades de aprendizagem.

Na prática em consultório psicopedagógico, me propus a estudar a influência da música como um recurso de mobilização da emoção, partindo da experiência prévia em coros clássicos, bem como com os instrumentos violão e piano que já haviam me permitido perceber a capacidade de mobilização emocional que a música proporciona. O contato com a música no cotidiano me faz crer em seu forte potencial como ferramenta de mobilização psíquica.

Os pacientes atendidos (crianças, adolescentes, jovens e adultos) trazem como demanda inicial dificuldades de aprendizagem. Vivemos um tempo de mudança de paradigmas. Ao longo dos anos, privilegiou-se a aprendizagem sob o aspecto cognitivo em detrimento ao psicomotor e afetivo. Nesse percurso, a emoção e o corpo estiveram dissociados do processo. O pressuposto epistemológico cuja raiz aponta para a visão cartesiana direcionou a prática pedagógica até um passado não muito distante; entretanto, a complexidade do ser humano no seu processo de aprendizagem e construção do conhecimento exigiu uma compreensão psicopedagógica capaz de olhar o homem como uma totalidade, onde os aspectos biopsicosocioemocionais estivessem presentes e atuando de modo indissociável, reconhecendo-se, assim, a dimensão afetiva como fator includente preponderante.

Ações, comportamentos e atitudes expressas contemplam a totalidade do ser que se constrói e está em permanente relação. A emoção, enquanto componente do processo, nem sempre é identificada e, por vezes, o desenvolvimento harmonioso e pleno sofre prejuízos.

As reflexões aqui desenvolvidas revelam como a arte/música, enquanto recurso terapêutico, pode se constituir em ferramenta eficiente para o aprendente na construção de um processo saudável de aprendizagem, na aquisição de uma imagem positiva de si mesmo e no autoconhecimento.

Estudos em Neurociência tem possibilitado uma visão mais abrangente quanto ao funcionamento do cérebro e já há consenso entre os pesquisadores

quanto à influência da música sobre as atividades cerebrais onde psique e corpo respondem consoante ao estímulo musical. (Oliveira, 2013).

Experiências científicas comprovam que o organismo humano sofre alterações em seu metabolismo quando exposto à música, apresentando alteração da pulsação, pressão sanguínea e respiração, aumento ou diminuição da energia muscular, e alteração na percepção de outros estímulos.

Benenzon (1988, p.13) esclarece o princípio de ISO como uma identidade sonora referindo-se a existência de um som primordial que caracteriza cada ser humano individualmente e que condensa os arquétipos herdados onto e filogeneticamente. Assim, o indivíduo ao longo de seu processo de desenvolvimento e individuação é mobilizado por impressões sonoras que remetem ao seu próprio ISO. Fenômenos acústicos, vibratórios, sonoros e de movimentos vão imprimindo no indivíduo uma identidade sonora própria no período gestacional e que será enriquecido, após o nascimento, com as futuras experiências do meio social e cultural.

Oliveira (2013) relata sobre a complexidade da música, ainda em seu estágio embrionário, a partir da intima ligação do ser humano com as impressões sonoras em tempos imemoriais quando as experiências humanas não eram compartilhadas de modo verbal. Trovões, cantos dos pássaros, coachar de uma rã, ruído das águas, cachoeiras...; enfim, os sons da natureza, bem como a própria identidade sonora pessoal foram se constituindo em experiências sonoras provocativas para o alicerce em uma posterior criação do som musical e mais adiante a comunicação verbal, propriamente dita.

Victorio (2008, p.16,17) relata que o organismo humano é pleno de vibração: átomos, moléculas, células, órgãos. Relata que o Universo é constituído por vibrações, tudo o que existe está em vibração e vibração é som. Em uma relação harmônica, Homem e Universo, compartilham por ressonância dessas correntes vibratórias.

Na crença judaico-cristã, sobre o relato bíblico no livro de Gênesis quanto à criação do mundo, indica que o universo foi criado pela palavra e palavra é som. A vida em sociedade tal como se manifesta é um efeito da condição vibratória do ser

humano. Parte-se do pressuposto de que toda vibração é som e que música é vibração.

Na condição vibratória do ser humano correlaciona-se a psique (consciente e inconsciente) como fazendo parte desse movimento de vibração onde a saúde ou doença é resultado da harmonia/desarmonia nessa relação vibracional.

> Partindo da ideia de que nossa psique é formada por consciente Inconsciente, podemos fazer uma associação com ela e afirmar que o som estaria relacionado ao consciente e o silêncio ao Inconsciente. Ora, se som e silêncio ressoam na mesma frequência, da mesma forma ressoam consciente e inconsciente. Por serem vibração, eles se apresentam como elementos de nossa psique, vibrando em uma mesma frequência. Quando essas vibrações se apresentam em uma frequência irregular, temos o som distorcido e por assim dizer, a doença. (Victorio, 2008, p.18).

A música está presente na vida do homem ao longo de sua existência. Ritmo, melodia e harmonia são elementos constitutivos da música (Costa, 1989, p.62). Cada elemento em sua especificidade provocará combinações que despertarão a subjetividade do indivíduo, do grupo social, etc. A música apresenta-se como um fenômeno social/cultural e está presente nas inúmeras manifestações do homem em sociedade. Presente nos arquétipos do inconsciente coletivo produz emoções peculiares a cada indivíduo em resposta às suas vivências e subjetividade e, nessa perspectiva, pode vir a se constituir em um instrumento de saúde para o indivíduo, posto que esteja visceralmente relacionada com sua estrutura de ser dentro de um complexo harmônico homem/universo. Não se diz que há um tipo certo de música em arteterapia, pois as impressões sonoras são subjetivas para cada indivíduo.

Ao longo da história a música foi se apresentando como forma de expressão remontando há 50.000 anos. No Egito, por volta de 4.000 AC, encontram-se registros de produção musical. O povo judeu, no relato bíblico, produziu Salmos, canto coral e acompanhamento de instrumentos musicais para as celebrações no templo de Salomão. China, Índia, Grécia, Roma, cada qual, há seu tempo, foi implementando a música em sua cultura chegando até nós, na pós-modernidade, como uma experiência de busca de novos caminhos e possibilidades envolvendo novas tendências e técnicas musicais.

Em um setting terapêutico a música tem por função facilitar a afloração de conteúdos emocionais do inconsciente através de sua influência sobre os estados psíquicos e emocionais. Constitui-se como ferramenta ímpar no processo de

individuação. Marcia Victório e Angela Philippini apresentam achados em seus estudos que corroboram a afirmação.

Atendemos uma criança na idade de 04 anos com Transtorno do Espectro do Autismo. Quando chegou a nosso consultório, em maio de 2016, apresentava comportamento evitativo. A agressividade e intempestividade eram a tônica do quadro. Com vocabulário quase inexistente e depois, passando para a ecolalia, mostrava-se resistente ao contato. O olhar disperso e a introvisão marcaram os primeiros encontros. Decidiu-se trazer a música para o setting terapêutico. A princípio, ao som do violão, cantávamos canções infantis que faziam parte do cotidiano da criança sem qualquer resposta de contato. Foram dispostos na roda alguns instrumentos de percussão para que ela os explorasse livremente. Junto aos instrumentos havia um violão de brinquedo. Esse foi o primeiro contato efetivo que ela se permitiu, criando assim um vínculo com o violão. Seu tempo de vinculação com o instrumento era por poucos segundos e logo se perdia em seu mundo particular. No primeiro mês parecia não enxergar os demais instrumentos. Com o decorrer das sessões, onde explorou-se outros instrumentos ela se abriu também para a experiência e assim, por breves segundos, se permitia explorar outros instrumentos. Foi proposto um repertório de música infantil. Ela apenas as ouvia, sem jamais pronunciar palavra, porém já interagia com um ou outro instrumento por breves segundos. Por volta da sétima sessão já permanecia por mais tempo com o violão e pronunciava a última palavra de cada frase musical. Foi um grande progresso, considerando seu parco vocabulário.

Já é decorrido um ano e hoje tem seu repertório favorito onde canta toda a canção e faz uso do instrumento tocando-o seguindo os tempos da música. Seus instrumentos preferidos na atualidade são o “Reco-reco” e o “Triângulo”. Ouve progressos no estabelecimento de vínculos que, no início, se deu através do instrumento. Hoje já participa com prazer do momento da música e foi além, pois costuma percutir o “Reco-reco” e dizer: “estou fazendo música” e assim, ela no “Reco-reco” e eu com o violão estamos iniciando as primeiras composições onde ela dá o tom da produção. Sua resposta emocional é de autoconfiança, realização e bem estar.

Outra experiência musical profícua se deu no atendimento de uma jovem (19 anos) com quadro de abandono escolar, gravidez precoce e drogadição. Ao

iniciar as sessões era proposta a audição de música clássica com vistas ao relaxamento e evocação de imagens do inconsciente. Durante as produções plásticas a música permanecia como som ambiente. Observou-se que esse ambiente impregnado de música instrumental para relaxamento induzia o acesso a lembranças de imagens de infância já perdidas pelo tempo.

Tal estimulação proporcionou um mergulho nas lembranças do passado gerando uma produção imagética carregada de energia psíquica que se materializou em criação de mandalas, caixinhas para guardados simbólicos, produção de bordados, etc... O acompanhamento terapêutico foi interrompido com o nascimento do segundo filho, pois a demanda no atendimento dos filhos passou a ser a prioridade do momento.

Considerações finais

A demanda crescente voltada para as dificuldades de aprendizagem (leitura e escrita, raciocínio lógico, atenção, concentração, disciplina, orientação de estudos, etc.) exigiu uma busca por ações interventivas que valorizassem criativamente a totalidade do ser que aprende (considerando a importância da subjetividade no desenvolvimento cognitivo e psíquico onde os afetos se mobilizam na relação ensinante/aprendente).

As ações psicopedagógicas e arteterapêuticas oportunizaram condições ao sujeito para que se visse “autor de sua própria história” em busca de um caminho de individuação, permitindo uma construção criativa do conhecimento. Assim, o “fazer artístico” e a música integradas à prática realizada em consultório deram a tônica das intervenções.

Tendo o homem uma relação com a música que remonta sua própria condição de ser ainda em tempos imemoriais e embasados nos estudos que comprovam os efeitos fisiológicos e psicológicos para a qualidade de vida, constatou-se que a música como coadjuvante no “fazer artístico” mobilizou afetos, abrindo espaço para o diálogo e ressignificação. Tais experiências foram promotoras para uma aprendizagem significativa.

Por fim, o contato com a revisão bibliográfica indicou que embora seja relevante a contribuição da música em arteterapia para a superação de dificuldades

de aprendizagem, ainda é um campo que necessita ser mais investigado. Há um número considerável de publicações na área de musicoterapia, porém o material é relativamente escasso quando se aborda o tema na arteterapia. Faz-se necessário outros estudos de modo a ampliar a compreensão sobre os benefícios da música no processo arteterapêutico.

BIBLIOGRAFIA

BENENZON, R. **Teoria da Musicoterapia:** contribuição ao conhecimento do contexto não verbal. Trad. Ana Sheila M. de Uricoechea. 3ª Ed. São Paulo: Summus, 1988.

COSTA, C.L. **O Despertar para o outro:** musicoterapia. São Paulo: Summus, 1989.

COSTA, C.L. Conceitos de Musicoterapia in *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical, 1990* – com revisão e acréscimos pela autora, https://pt.scribd.com/document/321200252/1990-Clarice-Moura-Costa-Conceitos-de-Musicoterapia, visitada em março 2017.

DRISCHEL, A.F. **A afinação psíquico corporal**: do som pessoal ao som coletivo in *Revista Transdisciplinar. Uma Oportunidade para o Livre Pensar.* v.2, ano 1, n.2, Julho 2013.

FONSECA, K.C. et al. **Credibilidade e efeitos da música como modalidade terapêutica em saúde**, in *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v.8, n.3, p.398-403, 2006. Disponível em http://www.fen.ufg.br/revista/revista8 3/v8n3a10.htm.

FRANS, M.L.von, HILMAN, James. **A tipologia de Jung:** ensaios sobre psicologia analítica. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Ana Cândida Pellegrini Marcelo, Wilma Raspanti Pellegrini. São Paulo: Cultrix, 2016.

FRANZOI, M.A.H. et al. *Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial.* Santa Catarina, 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de especialização em linhas de cuidado – área Atenção Psicossocial, do Departamento de Enfermagem e Programa de Pós Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina. HTTP://dx.doi.org/10.1590/0104-070720160001020015. visitado em 11/03/2017.

JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente.** Trad. Dora Ferreira da Silva. 27ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, C.G. *et.al*. **O homem e seus símbolos.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OLIVEIRA, P.A. Música e arteterapia como recurso terapêutico nas dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento humano. *Periódicos Eletrônicos em Psicologia.* Vol. 21, nº 22, São Paulo, 2013.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artemed, 1985.

PHILIPPINI, A. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia:** uso, indicações e propriedades. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

PHILIPPINI, A. Território Sagrado in *Revista Imagens da Transformação,* v. 6, Rio de Janeiro: Pomar, 1999.

PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia:** cartografias da coragem. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

REIS, A.C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo in *Psicologia: Ciência e Profissão, v.34, n.1, Brasília Jan/Mar.2014, http://www.scielo.br/scielo.php?script=S1414-98932014000100011 ,visitado em março 2017.*

RUUD, E. **Caminhos da musicoterapia.** Trad. Vera Wrobel. São Paulo: Summus, 1990.

SAMPAIO, R.T. *et al.* A musicoterapia e o transtorno do Espectro do Autismo*:* uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica*. Artigo Científico - Universidade Federal de Minas Gerais. Per.Musi.* Belo Horizonte, n.32, 2015, p.137-170

SILVA, M.N. *et al. A música para indução de relaxamento na Terapia de Integração Pessoal pela Abordagem Direta do Inconsciente – ADI/TIP.* Belo Horizonte, MG. Tese. Universidade Federal de Minas Gerais.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

VICTÓRIO, M. **Impressões sonoras:** música em arteterapia. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VICTÓRIO, M. A orquestra psíquica in *Revista Transdisciplinar. Uma Oportunidade para o Livre Pensar, v.9, ano 5, n.9, Janeiro 2017.*